

# EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO POPULAR EM FREIRE – O CASO DO GRUPO DE LEIGOS CATÓLICOS IGREJA NOVA

Marineide Pereira Gomes<sup>1</sup>  
Yanatasha Fernandes Ferreira da Silva<sup>2</sup>  
André Gustavo Ferreira da Silva<sup>3</sup>

## RESUMO

Numa busca de ampliarmos o nosso conhecimento para além das práticas de ensino institucionalizadas, investigamos a educação não-formal estabelecendo diálogos com a educação popular em Paulo Freire, utilizando como espaço empírico o Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova. Realizamos uma coleta de dados no Jornal Igreja Nova, produzido pelo grupo, fazendo um recorte histórico do período de agosto de 1991 a dezembro 1995, buscando identificar três elementos de representação freiriana – diálogo, conscientização e libertação. A presença desses elementos no material coletado nos fez perceber a relação entre educação não-formal e educação popular proposta por Freire no espaço estudado, visto que, em ambas, há uma perspectiva dialética educação-conscientização onde a promoção do diálogo se constrói num processo que movimenta a consciência gerando a prática para liberdade.

**Palavras-chave:** Educação. Educação Não-Formal. Educação Popular em Freire.

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho nos pautamos no conceito de educação apresentado por Brandão (2004), para quem a educação não se caracteriza apenas por práticas de ensino institucionalizadas como aquelas existentes nas escolas, mas considera que a educação abrange todos os processos de formação dos indivíduos, de modo que, toda troca de saberes se constitui como uma prática educativa e pode se desenvolver nos mais variados ambientes sociais.

Observa-se, atualmente, uma crescente demanda por educação e, em contrapartida, uma dificuldade do Estado no cumprimento de suas obrigações referentes a uma oferta capaz de atender a esta demanda, surgindo, assim,

---

<sup>1</sup>Graduanda de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. brancagoms@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduanda de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. yanatasha-@hotmail.com

<sup>3</sup>Professor do Departamento de Fundamentos Sócio Filosóficos da Educação do Centro de Educação da UFPE. andreferreiraufpe@gmail.com

como propostas curriculares alternativas, especialmente para as camadas populares, novas formas de educação que, por sua vez, se apresentam com uma metodologia diferenciada daquela oferecida nas instituições de ensino formalizadas.

Nestas novas concepções educacionais busca-se romper com as metodologias tradicionais e com currículos que não consideram e/ou respeitam o conhecimento de mundo, os saberes, valores e modos de vida das classes populares. A Educação Não-Formal e a Educação Popular são duas representações dessas concepções de educação.

A Educação Popular, fundamentada na teoria de Paulo Freire, busca promover a integração e participação dos sujeitos na construção da sociedade através de uma educação comprometida com a conscientização e politização do educando com o meio em que vive como sujeito ativo capaz de refletir e agir sobre ele (FREIRE, 1981).

Na Educação Não-Formal existe a intencionalidade de criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos em espaços não escolares atuando em várias dimensões que visam a formação do indivíduo no sentido de politizar os sujeitos de seus direitos enquanto cidadãos, de capacitar os indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades, de promover a aprendizagem e exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, como também, o ensino-aprendizagem diferenciado dos conteúdos da escolarização formal (GOHN, 2006).

Considerando, pois, a relevância dessas discussões no presente trabalho buscou-se investigar o Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, que tem uma intencionalidade de formação dos indivíduos com as características que compõem a Educação Não-Formal. O Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, surgiu em 1991, a partir da edição do Jornal Igreja Nova, que foi criado para dar voz e vez, àqueles que eram impedidos de se pronunciar através dos órgãos oficiais da igreja. O grupo hoje é uma entidade jurídica, mantendo um site, o jornal impresso e o grupo de estudos teológicos Dom Helder Câmara, além de promover todos os anos, em agosto, a Jornada Teológica Dom Helder Câmara.

Este grupo segue uma linha progressista da Igreja Católica assumindo uma opção preferencial pelos pobres, o foco principal de sua ação, deve estar onde há pobreza, injustiça, cultura de morte e negação do evangelho.

Nesta perspectiva, a intenção do trabalho deste grupo é atribuída em formar não só cristãos, mas, qualquer indivíduo sem distinções pela divulgação dos jornais e discussões em mesa redonda tendo como base o evangelho de Jesus Cristo, a busca através de uma sociedade mais justa e igualitária, formando por estes meios de comunicação um indivíduo mais crítico, reflexivo e atuante.

O interesse pela temática se deu a partir da experiência vivenciada pelas discentes na disciplina de Políticas de Educação Não-Formal no Brasil, que as possibilitou uma aproximação inicial e teórica a respeito da educação realizada em espaços não institucionalizados. A fim de concretizarmos o nosso conhecimento nos propomos, então, a realizarmos uma investigação relativa ao campo da Educação Não-Formal e, na intenção de propiciar uma troca de saberes que norteie cada aspecto da educação, resolvemos criar um diálogo com fontes da pedagogia freiriana, buscando nesta, uma possível identificação com os processos vivenciados em espaços não-escolares.

A proposta de diálogo com a pedagogia freiriana se justifica pela identificação e reconhecimento desta, por parte das discentes, no desenvolvimento da experiência da Educação Popular, tendo em vista, que esta se engloba na dimensão do que caracteriza a Educação Não-formal.

Deste modo, o tema escolhido – Educação Não-Formal: Diálogos com a Educação Popular em Freire – o caso do Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, remete o reconhecimento de campos diferenciados em que a educação se faz presente, e quando esta é utilizada com um fim de formar cidadãos críticos e atuantes que prezem por uma sociedade mais humana e igualitária, tornando-se pertinente uma pesquisa num campo ainda pouco explorado.

A Educação Não-Formal, vem tomando forma e espaço historicamente e se tornando um instrumento essencial na dialógica dos saberes, abrangendo uma dimensão de conhecimentos que vão além dos conteúdos formais. Mesmo com alguns espaços não escolares que trabalham com escolarização, esta, é oferecida de forma diferenciada, com outras perspectivas, ou seja, existe uma preocupação de se formar o sujeito em seus mais variados aspectos.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo geral analisar como se estabelece a relação entre a Educação Popular proposta em Freire e a educação não-formal no Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, no período de agosto de 1991 a dezembro de 1995. No tocante aos objetivos específicos nos propomos a: 1) Identificar os elementos de representação da matriz freiriana presentes no Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova e 2) Analisar os processos desenvolvidos na educação não-formal com os propostos pela Educação Popular em Freire no Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova.

Para o desenvolvimento desta pesquisa fez-se necessário um estudo teórico que permitisse às investigadoras um aprofundamento dos conceitos de Educação, Educação Popular em Paulo Freire e Educação Não-Formal que, por sua vez, possibilitasse tecer as possíveis relações existentes entre as propostas de ambas.

## **1. Educação: delimitando conceitos e práticas**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 estabelece em seu artigo 1º, que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Para Brandão (2004, p.17), a educação “abrange todos os processos de formação do indivíduo”. Processos estes que podem ocorrer nos mais variados ambientes sociais, caracterizando como educação, desse modo, não apenas os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem dentro do ambiente escolar, mas, também, aqueles que ocorrem fora dele.

A educação, assim, se caracteriza como um processo contínuo que se desenvolve a todo momento onde haja pessoas construindo conhecimentos em interação e inter-relação. Segundo o autor supracitado “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver” (2007, p.7).

A Educação, portanto, é um processo inerente à formação do “ser” humano e, desta forma, não é a escola o seu único espaço de manifestação e nem é o professor o único sujeito a praticá-la.

## **2. Educação Formal, Informal e Não-Formal**

Quando se trata de educação e as vias em que esta se dá, Gohn (2006) compreende que a construção de saberes se tece numa relação de espaços e grupos diferenciados, com conceitos, características e atributos distintos. No entanto, a partir destas, cada processo educativo se complementa e contribui de formas diferenciadas na formação do indivíduo.

A educação não-formal é um termo indissociável da educação formal, mesmo sendo distinta, já a informal, por muitas vezes, é confundida por alguns autores com a não-formal. Para tanto, é de suma importância esclarecer tais distinções.

A educação informal é tida como a espontânea, onde o indivíduo concebe em seu processo de socialização com a família, amigos, em seu bairro etc. A educação formal é a desenvolvida na escola, com conhecimentos de mundo já pré-estabelecidos. Quanto à Educação Não-Formal para Gohn (2001, p.32):

Aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área.

O termo “não-formal” se opõe ao formal da escola e de suas leis, no entanto, com o contexto histórico-social voltando-se para a realidade da criança e do adolescente fez-se necessário o reconhecimento das “práticas socio-educativas” que ocorrem em espaços não escolares, como práticas formalizadas, o que se identifica através do artigo 90 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a saber:

As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção e sócio-educativos destinados a crianças e adolescentes, em regime de: I – orientação e apoio sócio-familiar; II – apoio sócio-educativo em meio aberto; III – colocação familiar; IV – abrigo; V – liberdade assistida; VI – semi-liberdade; VII – interação. Parágrafo único. As entidades governamentais e não governamentais deverão proceder à inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento, na forma definida neste artigo, junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao conselho tutelar à autoridade judiciária (2005, p. 26).

A Educação Não-Formal vai além das organizações não governamentais (ONG's), seus espaços são múltiplos: nos bairros-associação, organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa, entre outros.

Para Gohn (2006 p. 30) "... a transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não-formal... esta se fundamenta no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo." Deste modo, percebe-se que esta representação de educação caracteriza-se pelo aprendizado das diferenças, numa busca mútua de identidade coletiva, buscando na diversidade e no outro cursar uma trajetória concreta, num exercício democrático intencionado por caminhos éticos almejando uma sociedade mais humana, cidadã, justa e igualitária.

### **3. Educação Popular em Paulo Freire – Fundamentos e Métodos**

A Educação Popular evidencia-se como uma proposta educacional voltada para a necessidade de construção de uma consciência crítica do indivíduo em relação à realidade em que está envolvido no sentido de torná-lo um sujeito ativo na construção e transformação desta realidade e na intenção,

não de inseri-lo no mundo, uma vez que dele nunca deixou de fazer parte, mas, de fazer-se reconhecer a ele mesmo e aos outros, enquanto homem e enquanto cidadão, como parte integrante deste, e indispensável na dinâmica das relações sócio, político-culturais existentes nele (FREIRE, 1981).

Na proposta pedagógica de Paulo Freire o ato de educar deve estar intrinsecamente associado à realidade vivenciada pelos educandos como modo de tornar a prática educativa um ato repleto de significações para os sujeitos que nele estão envolvidos. Para Freire, (1981, p.8) “a educação reproduz a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia”.

Em sua proposta de Educação Popular que privilegia o desenvolvimento de uma consciência crítica, Paulo Freire desenvolveu uma nova relação entre professor e aluno na qual ambos são sujeitos ativos no processo educativo em reciprocidade onde “educador e educando (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram em uma tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento” (FREIRE, 1981 p.61). E, ainda:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visão impregnada de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 1981 p.98).

O método de Freire se caracteriza muito mais por um método de aprender do que de ensinar, nele, a ação do educador ao identificar-se com a dos educandos orienta a humanização de ambos, na sua formação enquanto cidadãos, enquanto autores de sua própria história e da coletividade, o que só se torna possível por meio de uma tomada de consciência que, por sua vez, se dá via diálogo e que se caracteriza como caminho para a autêntica libertação. Para Freire sem o diálogo “não há comunicação e sem ela não há verdadeira educação” (1981, p.98).

Diálogo, conscientização e libertação são três palavras que apresentam uma relação intrínseca com a matriz freiriana e que se manifestam de forma dialética, para tanto, a experiência formativa nesse contexto permite ao sujeito em si e com o outro no fazer educar. A construção de um conhecimento embasado pelo diálogo possibilita o desvelamento da realidade, gerando um novo olhar crítico e apropriado desta, suscitando, assim, uma conscientização que pede uma nova postura frente aos desafios desta realidade o que, por sua vez, leva à tomada de ações concretas e transformadoras desse contexto caracterizando-se, assim, como prática libertadora.

#### **4. METODOLOGIA**

Realizamos um trabalho de pesquisa integrada à abordagem qualitativa, buscando possibilitar uma análise apurada das investigações propostas, tendo em vista, que os fundamentos propostos por esta abordagem atendem às discussões dialéticas travadas neste estudo, nesse contexto Fazenda (2001, p.103) enfatiza que “nas pesquisas dialéticas, o homem é tido como ser social e histórico; embora determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é o criador da realidade social e o transformador desses contextos”.

A abordagem qualitativa que fundamenta essa pesquisa tece uma relação entre o sujeito e o mundo em que este está inserido, reconhecendo-o como sujeito integrante de uma sociedade em contínuo processo de conhecimento, numa busca incessante de interpretar seus fenômenos, imputando-lhes significados, sentidos, como ratifica Chizzotti (2001, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

A proposta metodológica para a realização desta pesquisa se concretizou, portanto, através das seguintes etapas: estudo das referências teóricas para a compreensão do tema trabalhado e, análise de documentos produzidos pelo Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, a fim de investigarmos as possíveis relações entre este espaço de Educação Não-Formal e a Educação Popular de Freire.

Para tanto, procedemos a pesquisa documental, tendo em vista, que esta nos dá um suporte teórico que propicia os elementos cabíveis para concretização desta investigação. Holsti (apud LUDKE e ANDRÉ, 1996, p. 39) apresenta, dentre as situações básicas em que é apropriado o uso da análise documental, que:

Quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou seja, quando a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação. Nesta situação incluem-se todas as formas de produção do sujeito em forma escrita como redações dissertações, testes projetivos, diários pessoais, cartas, etc.

O objeto de análise selecionado para tal estudo é caracterizado por jornais produzidos pelos membros do grupo, no período de agosto de 1991 a dezembro de 1995, estes, abordam assuntos como fé, política, questões sócio-econômicas, culturais, étnicas e históricas. A escolha deste período histórico se deu por dois fatores: primeiro, por serem os anos iniciais de produção e divulgação dos jornais; segundo, pelo fato de ser o período em que a educação não-formal passa a expressar maior destaque.

Buscamos identificar nos registros analisados como se dá o processo de formação em suas práticas, ações e compreensões que nos permitam tecer um diálogo com os métodos empregados na Educação Popular em Freire.

No que concerne ao estudo teórico necessário para atingir o objetivo de nossa pesquisa, inicialmente, foi realizada uma discussão sobre o conceito de educação para que se pudesse compreender a concepção de educação definida atualmente. Em seguida, foi analisada a categoria Educação Não-Formal, seu campo e atributos, bem como, sua diferenciação entre Educação Informal e Educação Formal.

Posteriormente, foi discutido o campo da Educação Popular em Freire, sendo apresentadas as principais características da proposta realizada por Freire, sua concepção de educação e proposta metodológica, com base tanto na leitura de suas obras como também de autores que tratam do assunto. Selecionamos, dentro da teoria de Educação Popular em Freire, três categorias consideradas como elementos essenciais de identificação da matriz freiriana. Sendo elas: diálogo, conscientização e libertação.

Embasadas nestas categorias coletamos do Jornal Igreja Nova, doravante JIN, fragmentos que pudessem nos propiciar uma análise documental consistente ao proposto diálogo entre as representações de educação em questão, logo, fez-se necessário uma análise aprofundada dos dados, ampliando-se as significações destas duas concepções, como também, as comparações de sentido que cada representação abarca, permitindo nos apropriarmos da construção dialógica desta relação.

## **5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS**

Formar indivíduos em espaços não escolares é tão desafiador quanto no espaço da própria escola, nesta perspectiva a Educação Não-Formal passa a ter destaque nos anos 90 e, nesse contexto, nasce em 1991 o Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, como um movimento cristão que por opção se auto afirmou, independente, para garantir a liberdade de propiciar diálogos frente aos desafios presentes no âmbito eclesial e da sociedade como um todo, este, caminha por si só, buscando parcerias com outros grupos e movimentos que acreditam na mesma causa formadora de indivíduos críticos, reflexivos e atuantes frente às desigualdades sociais, política, econômica, religiosas e culturais etc.

Tanto a educação popular como a educação não-formal surgiram a partir de necessidades e lacunas identificadas na educação pela dificuldade do Estado no cumprimento das leis que asseguram a todos os cidadãos o direito a esta, como também, do desejo de engendrar uma ruptura com uma educação

enrijecida por métodos e currículos tradicionais que não respeitava o conhecimento e vivência de mundo das classes populares.

A educação popular, no entanto, com forte atuação nas décadas de 70 e 80 e presente até nossos dias, deixa uma proposta marcada como uma inovadora concepção de educação que embora seja conhecida e concebida por métodos que se alicerçaram em outras vivências e experiências de grupo, tece uma relação de linguagens e reflexões aproximadas com a educação não-formal. Neste sentido, Gadotti (2000, p. 7) argumenta que:

Com as conquistas democráticas, ocorreu com a educação popular uma grande fragmentação em dois sentidos: de um lado ela ganhou uma nova vitalidade no interior do Estado, diluindo-se em Políticas Públicas; de outro, continuou como educação não formal dispersando-se em milhares de pequenas experiências. Perdeu-se em unidade, ganhou em diversidade e conseguiu ultrapassar numerosas fronteiras.

Esta concepção presume que a Educação Não-Formal apóia-se nos princípios da Educação Popular com projetos que apresentam currículos alternativos, compromissados com as classes populares e preocupados com a emancipação social. No entanto, o Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova mesmo incorporando a proposta da Educação Popular, se utiliza de instrumentos diferenciados para formação dos sujeitos, se apropriando de meios de comunicação numa busca de propagar de forma mais efetiva e acessível as temáticas abordadas.

Deste modo, a educação não-formal trabalhada no Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, utiliza métodos diferenciados para sua formação, mesmo aderindo aos propósitos e ideais da Educação Popular em Freire. A linha de discurso é semelhante, porém, os meios de levar o sujeito a refletir se concebe de forma distinta, através de jornadas e jornais que instigam a discussão e avaliação de assuntos que abarcam o que ambas as concepções defendem no sentido de levar às classes populares conhecimentos que propiciem atuações emancipatórias.

A seguir serão apresentadas as relações entre educação popular em Freire e educação não-formal no grupo, com base nas categorias consideradas

como essenciais, por motivos já explicitados anteriormente, na identificação da matriz freiriana.

### **Diálogo**

Para Freire o diálogo é condição humana, dialogar é humanizar-se, é existenciar-se. Segundo o autor “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (1991, p.92).

No material analisado em nossa pesquisa, produzido pelo Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, percebemos a existência dessa mesma relação no sentido de que propõem que através do diálogo torna-se possível a conscientização quanto aos princípios do verdadeiro cristão, de sua posição diante da vida e, a partir dessa conscientização, seja possível a libertação das práticas de opressão contrárias aos ensinamentos de Cristo no que diz respeito não apenas às práticas da Igreja, mas, abrangendo um nível mais amplo relativo a todas as relações em sociedade.

De acordo com o grupo “uma das exigências fundamentais da mensagem cristã é, justamente, a transformação do ser humano em pessoa livre, responsável e consciente. E isto somente se consegue através do diálogo, da meditação, do estudo, da análise do sentido da vida, dos ideais e da realidade humana” (STRIEDER, 1992, p.3).

Observamos que, em concordância com a teoria de Freire, o grupo considera o diálogo como via que leva à conscientização. Utilizando a palavra – neste caso, a palavra de Deus representada pela Bíblia – como instrumento de reflexão da realidade, de denúncia das relações de opressão existentes na sociedade.

Em Freire (2004, p.25) tem-se o reconhecimento da contribuição do texto bíblico no trabalho com cultura popular de conscientização/libertação por se caracterizar como “um texto não conceitual, mas experimental-visual. Quer dizer, é uma história popular.”

Considerando o grupo em seus princípios cristãos, conseqüentemente, humanizantes, percebe-se em seu discurso o enaltecer da comunicação ou

mesmo do diálogo, como uma válvula propulsora no processo que movimenta a consciência gerando liberdade, em prol da plena vida, enfatizada por Freire como uma busca da ruptura da opressão. Neste pensamento o grupo explicita que “todo ser humano possui lugares dentro de si que de uma maneira ou de outra se comunicam, desse fluxo surge então o movimento que liberta e o torna mais pleno de vida” (Assuero, 1992, p.03).

Corroborando com essa reflexão Brandão destaca que, “Paulo Freire acredita que o dado fundamental das relações de todas as coisas do mundo é o diálogo. O diálogo é o sentimento do amor tornado ação.” (1986, p.103). Desse modo, é através do diálogo que se estabelecem as relações entre os homens, que se comunicam consigo mesmos, com outros homens e com o mundo criando, assim, a sua cultura.

No grupo, a palavra é tida como elemento gerador de ação que, ao ser ouvida e refletida, convida os sujeitos a assumirem uma posição ativa no mundo frente às situações vividas a fim de expressarem os seus sentimentos, anseios, desejos, as suas concepções, enfim, através da palavra, do diálogo, os homens tem a possibilidade de expressar a sua voz diante de toda estrutura que os oprime. “A palavra que inquieta, desinstala e convoca à missão” (BETE, 1993, p.1)

Tanto para Freire quanto para o grupo, a palavra/diálogo é sinônimo de vida, está dotada de um poder promotor de ação e é pré-requisito fundamental para que se obtenha conscientização. Nesta perspectiva o grupo ressalta que “a palavra deve gerar ação, vida e se assim não for perde o objetivo... não temos o direito de guardar para nós essa maravilha, devemos exteriorizar a palavra, através da ação, vida.” (FONTES E DAYSE, 1992, p.2).

No entanto, o diálogo para ser frutífero deve ser suscitado de forma que venha a contribuir no processo de desenvolvimento do educar-se, numa perspectiva de fazer educação numa ação democrática e não autoritária, imposta ou desrespeitosa, que venha a confundir o que trata a prática para liberdade, neste contexto o grupo defende que:

“Razão, mansidão e respeito são pré-condições para um diálogo frutífero. Sem respeito ao outro, não há diálogo, pois não há abertura para ouvir o que o outro tem a perguntar e falar. Sem mansidão, o diálogo se perverte numa imposição

autoritária de uma idéia. Mansidão é a postura de quem propõe, e não impõe. Sem razão, sem argumentação lógica, o outro não pode compreender uma idéia nova.” (JUNG MO SUNG, 1995, p.03)

Isso demonstra o compromisso do grupo em difundir a palavra para promover o diálogo e a reflexão, utilizando como instrumento o Jornal Igreja Nova. Devido às pressões do sistema opressor da Igreja, a palavra não poderia deixar de ser dita, a denúncia das condições sócio-políticas, econômicas e religiosas não poderiam deixar de serem expressas e se, só o diálogo poderia gerar a ação, então, ele prosseguiu em seu compromisso com o devir humano através da palavra escrita.

### **Conscientização**

Incitar a comunicação entre os sujeitos é cultivar o conhecimento, nessa perspectiva o conhecer se faz ciência numa construção coletiva e, é nesta tecedura das palavras que atentamos para a terminologia da palavra conscientização, que foi tomando força e forma instrumental para a prática libertadora, fundamentando teorias que contribuíram de forma significativa no desenvolvimento educacional, como na pedagogia de Paulo Freire. Neste contexto Freire (1980, p. 26) defende que:

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

Para Freire conscientizar-se da realidade histórica implica consideravelmente em duas estruturas preponderantes e antagônicas: o dominante e o dominado, ou mesmo, o opressor e o oprimido, que marca a realidade em seus diversos contextos, sejam eles, sociais, políticos, econômicos ou étnicos, sua teoria denuncia essa realidade e anuncia os

caminhos de que por meio de uma práxis libertadora se possibilita uma ruptura com os mecanismos opressores.

A denúncia é algo explícito e contínuo em diversos textos coletados do Jornal Igreja Nova, pois sua prática fundamentada no Evangelho é de denunciar as injustiças e anunciar a Boa Nova, nessa perspectiva é exposto que:

Todo agir humano comporta duas faces, duas margens: de uma, podemos ver o opressor, o dominador, da outra os oprimidos e dominados. Numa, o opulento se banqueteia, na outra a multidão de famintos espera o sobejo. Existem povos inteiros relegados à miséria, enquanto a outra margem, minorias, se mantém no poder de quase todas as criaturas (JIN, Nº 38, p. 01 Set. 1995).

O grupo reconhece e se apropria desta realidade que é alicerçada no conflito de classes e propõe em seus escritos “... um grito profético em favor dos que estão à margem da sociedade. O termo é amplo e se estende a outras situações, mesmo assim, em qualquer caso, só existe excluído porque existe o excludente” (DÉO E BETE, 1995, p. 02).

Para tanto, Freire argumenta que:

A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é luz interior de outra, uma comprometida com a outra... procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando configurando – “método de conscientização”(1981, p. 25).

Partindo desse pressuposto, o grupo aborda em seu jornal elementos defendidos por Freire no que trata de uma conscientização do redescobrir-se no processo de descobrir a si mesmo, como sujeito inserido no processo histórico que busca sua afirmação. Afirmar-se para se permitir ser contraditoriamente numa sociedade onde o *ter* é algo culturalmente arraigado pelo sistema opressor, expresso de forma reprodutoramente “natural” dentro das instituições formalizadas como alerta o grupo neste texto:

...para que os pequenos burgueses não cresçam alienados da realidade de seu contexto, é preciso que exista uma instância crítica que os alerte e os incentive a superar a desumanidade que os envolve... os maiores colégios de Boa Viagem são dirigidos por pequenos burgueses que querem agradar aos outros pequenos burgueses que lhes confiam os filhos, e nada mais esperam do que um ensino adequado ao modelo alienante da sociedade de consumo, longe das preocupações da maioria da população miserável do Recife e das favelas de Boa Viagem (STRIEDER, 1992, p.3).

No material produzido pelo grupo verificamos a intencionalidade de fazer-se um diálogo entre o evangelho de Jesus Cristo com as relações estabelecidas nas sociedades atuais buscando induzir a uma reflexão das práticas individuais e coletivas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária como se observa no texto que a seguir:

“Em outras palavras, tal como Jesus, devemos praticar a JUSTIÇA na medida em que despertamos relações boas e justas entre as pessoas, a fim de que vençamos a alienação e construamos uma sociedade voltada para a vida digna da maioria” (JIN, jan. 1993, p.3).

Freire e o grupo coincidem quanto à proposta em desvelar a realidade numa construção conjunta do (re)descobri-se, instaurando uma reflexão voltada para criticidade no que tange o indivíduo como mobilizador social numa busca libertadora por uma sociedade justa. Para tanto, o grupo ratifica que: “Desenvolver e ajudar a descobrir a dignidade inviolável da pessoa humana... Assim, aliar-se a Fé e Ação na luta pelos direitos fundamentais da sobrevivência humana, com a participação do cristão nos projetos sociais que imprimam justiça e fraternidade.” (BETE, 1992, p.03)

Admitir-se *ser* numa consciência que convoca a libertação é comprometer-se não apenas consigo, mas principalmente com os outros numa construção solidária que se faz acerca da ação humanizadora, neste sentido, humanizar-se num mundo globalizado, que se mantém através das relações de opressão é um desafio que perpassa historicamente a condição das sociedades.

## LIBERTAÇÃO

Percebe-se que no processo educativo e dialético proposto em Freire, o sujeito é demonstrado como autor primeiro, consciente e responsável dos desafios que o cercam, convocado pela proposta onde há uma atuação transformadora da realidade, pois, a experiência libertadora se faz por uma prática assumidamente consciente desta, como relata o grupo no Jornal Igreja Nova: “Já não se fala mais, então, em “fugir do mundo”, mas em assumi-lo radicalmente a fim de transformá-lo”. (TENDERINI, 1992, p.4)

Para Freire (1981, p. 77) “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. É práxis que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” Assim, o processo que aponta para libertação reivindica uma ação concreta não apenas pelo sujeito em si, mas em sua coletividade e organização. Percebemos, desse modo, que tanto Freire como o grupo expressam em suas propostas no cunho pedagógico o interesse em fomentar a prática da liberdade numa perspectiva de transformação de mundo do sujeito e sua coletividade, como reconhece o grupo neste fragmento:

“De fato, a construção da sociedade justa e igualitária depende de cada um de nós, em nossas relações uns com os outros e em nosso compromisso de nos libertarmos dos poderes políticos e econômicos que oprimem e escravizam em nossos dias. Para tanto, é necessário exigir ética (= defesa e promoção da vida), na cultura (arte, religião, etc.) e na sociedade em que vivemos.” (CENDHC –CEBI, 1992, p.02)

Ambas as representações em educação denunciam a dialética do opressor e oprimido no que tange a busca de uma liberdade geradora de igualdade, fraternidade e dignidade, ressaltando que utilizam indagações permitindo uma reflexão própria do sujeito que exercita o desvelar de sua realidade. Como ratifica este fragmento do Jornal igreja Nova:

É ocasião de denunciar o sistema de exclusão: “mostrar-se em testemunho contra” os donos do poder. Suas leis só servem para excluir. A transgressão delas é que opera mudança para melhor. Suas regras nada criam de novo, só servem a garantir

seus privilégios às custas da “apartação social”... É preciso INDIGNAR-SE, afastar-se do sistema com o pensamento e o coração. É preciso SOLIDARIZAR-SE e agir, aproximar-se de quem está excluído. É preciso DENUNCIAR e desmascarar o que está escondido. É preciso aceitar ser mal visto, PERDER PRIVILÉGIOS, ser posto a margem. Nossa vocação não é para adaptação, mas para oposição. Teremos esta coragem? Ou já perdemos a fé na LIBERDADE, e entregamos o mundo às potestades das trevas? Tem gente que já assumiu seu destino comprar, comer e beber, com medo de morrer amanhã. E nós, de que lado queremos estar? (ARMANDO, 1995, p. 4, grifo nosso).

Percebe-se na educação popular proposta em Freire que refletir a realidade é um meio instigador e gerador de uma ação para liberdade, esta, não acontece por si só, mas em comum unidade, pensamento difundido na educação popular que se refaz na educação não-formal em espaços e formas diferenciadas como defende o grupo neste trecho:

A gente tem que começar a olhar a semente da esperança nascendo em pequenas comunidades, em pequenos projetos alternativos, nas lutas de resistência para manter a vida... A esperança é de que a partir destes trabalhos, a gente possa, aos poucos modificar o direcionamento da economia mundial. É a esperança de que estes pequenos trabalhos alternativos possam garantir uma sobrevivência e se possível, uma vida mais digna para os pobres e que a partir disto a gente consiga colocar um outro princípio fundamental na sociedade, que é solidariedade e qualidade de vida e não quantidade de acumulação de bens”(JUNG MO SUNG, 1995, p.2)

Desta maneira, constatamos uma consonância dos saberes no desenvolvimento dos processos da educação não-formal identificada no grupo de Leigos Católicos Igreja Nova com os propostos na educação popular em Freire onde o diálogo, a conscientização e a libertação são eixos que fundamentam sua prática educativa, mesmo, estas se evidenciando em temporalidades e contextos diferentes, é pertinente o reconhecimento e inovação deste educar que extrapola o âmbito escolar e se torna cada vez mais disseminada em nossa sociedade.

Identificamos, ainda, que há uma intertextualidade entre o conteúdo do jornal e o que propõe Freire no que concerne às relações entre os sujeitos das

práticas educativas, de modo que em Freire (1981, p. 79) temos que: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo.” E, no grupo, destacamos o seguinte texto que se apresenta de forma semelhante:

Ninguém é melhor do que ninguém, todo mundo está caminhando. Ninguém é o mestre de ninguém, todo mundo está aprendendo; Ninguém é o senhor de ninguém! Todo mundo está para dar, para servir e amar na liberdade! O jeito melhor de caminhar é de mãos dadas; O jeito melhor de aprender é saber ouvir. O jeito melhor de amar é servir na liberdade! (Pe. Geraldo Lins, 1993, p.1)

De acordo com o que foi exposto até aqui, observamos que a proposta realizada pelo Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova é algo que se caracteriza por uma prática de essência conscientizadora, comprometida com as causas dos oprimidos e excluídos da sociedade nas mais diferentes esferas sociais. Percebemos que há a intencionalidade de ultrapassar os portões da Igreja quando não se restringem apenas a discutir questões religiosas, mas, buscam fazer uma inter-relação com questões de cunho étnico, político, econômico, social e cultural.

Por meio das denúncias e críticas divulgadas nos jornais o grupo possibilita uma reflexão sobre a realidade e, dessa reflexão, surge uma aprendizagem significativa, mais comprometida com a causa social. A educação, então, surge na construção dessas novas aprendizagens, a partir dessa nova forma de olhar que os indivíduos constroem sobre as relações existentes no mundo. Ela, a educação, se constrói durante o processo diálogo-conscientização, confirmando o pensamento de Freire (1981) de que é através do diálogo que se dá a verdadeira educação.

Quanto à presença do educativo nos movimentos sociais Gohn (1994, p.51) considera que:

Nos movimentos sociais a educação é autoconstruída no processo e o educativo surge de diferentes fontes, a saber: ...da aprendizagem das diferenças existentes na realidade social a partir da percepção das distinções nos tratamentos que os diferentes grupos sociais recebem de suas demandas.

O Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova se apresenta, portanto, como um espaço de educação não-formal, uma vez que, assume um compromisso em promover práticas de formação política e sociocultural, com o desenvolvimento da consciência crítico-reflexiva e, conforme afirma Gohn (2006, p.29) em relação à educação não-formal, “capacita os indivíduos a se posicionarem enquanto cidadãos do mundo, no mundo”.

Se por um lado o trabalho do grupo com a divulgação dos jornais visa abrir a passagem para que o conhecimento circule, a fim de possibilitar a reconstrução das concepções de mundo, por outro, e com a mesma finalidade, a educação não-formal propõe, segundo Gohn (2006, p.29) “abrir janelas de conhecimento que circunda os indivíduos e suas relações sociais.”

Deste modo, percebemos que, além de estarem intimamente ligados com elementos propostos pela Educação Popular em Freire, o trabalho do grupo também se identifica com os aspectos da educação não-formal defendidos por Gohn, o que ratifica a caracterização deste grupo como um espaço de educação não-formal, onde se educa enquanto conscientiza e politiza fora de um ambiente escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência desta pesquisa nos dá um sentido voltado para uma pedagogia do educar-se, qualquer que seja seu espaço ou representação educativa. Tecer esse diálogo entre educação popular em Freire e educação não-formal no caso do Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova permitiu que nos apropriássemos, de uma forma mais concreta, dos novos caminhos em que a educação vem se manifestando e criando espaços numa busca contínua de formar o indivíduo a partir de sua realidade, onde as construções humanas se formam e se mostram opressoras ou oprimidas e, é nesta perspectiva que o “educar-se”, para ambas as representações pesquisadas, se faz num processo contínuo onde o diálogo, a conscientização e a libertação são elementos, ou mesmo, ferramentas preponderantes na atuação de educar nos mais diversos sentidos que apelam por uma emancipação - política, social, econômica, étnica

e tantas mais - que possibilite aos cidadãos um direito essencial, a dignidade humana.

As categorias abordadas nos permitiram gerar uma tecedura entre as duas representações em educação, onde as consonâncias de pensamento se complementam e apresentam cada qual sua forma de expressão e compreensão da realidade considerando seu tempo histórico e contexto social, numa dialógica voltada para humanizar-se no seu sentido mais pleno, enaltecendo a liberdade como um direito a ser (re)conhecido, resgatado e vivido.

Em suma, a enaltecida liberdade convoca a todos a se manterem na luta e na resistência pelo direito de estar sendo em prol da plena vida, como declama Freire ao Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova “Há momentos em que silenciar é conviver. É preciso falar e até gritar. Não podemos renunciar ao direito de ter o dever de “brigar” para estar sendo.” (FREIRE, 1992, p. 04).

## REFERÊNCIAS

ARMANDO, Sebastião. Jesus e os excluídos. **Jornal Igreja Nova**, n. 40, nov. 1995.

ASSUERO. Nossa mãe a Igreja: Por que olhar o passado? **Jornal Igreja Nova**, n. 9, mai./ jun. 1992.

BETE. Leigos: Vocação e Missão. **Jornal Igreja Nova**, n. 10, jul. 1992.

\_\_\_\_\_. O desafio da Cruz. **Jornal Igreja Nova**, n. 18, maio. 1993.

CENDHC-CEBI. Em busca da “Terra Prometida”. **Jornal Igreja Nova**, n.13, dez. 1992.

DÉO e BETE. Os excludentes. **Jornal Igreja Nova**, n. 39, out. 1995.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Estrutura e funcionamento do ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 20).

\_\_\_\_\_. **O que é método Paulo Freire**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção primeiros passos; 38).

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente/ Secretaria Especial de Direitos Humanos, Ministério da Educação Assessoria de Comunicação Social – Brasília: MEC, ACS, 205.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da liberação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série educação em ação).

\_\_\_\_\_. Paulo Freire nos escreve... **Jornal Igreja Nova**, n. 5, jan. 1992.

FONTES e DAYSE. Você aceita o primeiro combate? **Jornal Igreja Nova**, n. 13, out. 1992.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010288392000000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010288392000000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 18 jun. 2011.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não formal e cultura política: impactos do associativismo no Terceiro Setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Movimentos sociais e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Questões da nossa época, v. 5)

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2011.

GRUPO DE LEIGOS CATÓLICOS IGREJA NOVA. Disponível em: <<http://www.igrejanova.jor.br/historia.htm>>. Acesso em: 30 maio 2011.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.

LINS, Pe. Geraldo. Os Mandamentos da Comunidade. **Jornal Igreja Nova**, n. 14, jun. 1993.

STRIEDER, Inácio. Os excomungados de Boa Viagem. **Jornal Igreja Nova**, n. 06, fev. 1992.

SUNG, Jung Mo. Entrevista: Jung Mo Sung. **Jornal Igreja Nova**, n. 40, nov. 1995.

\_\_\_\_\_ O que eles pensam. **Jornal Igreja Nova**, n. 34, Abr. 1995.

TENDERINE, Luis. Quem é o “leigo”? **Jornal Igreja Nova**, n. 09, mai./ jun. 1992.